

Luís Augusto Cassas

O FILHO PRÓDIGO:

Um Poema de Luz e Sombra


IMAGO

UM CÂNTICO ESPIRITUAL

A poesia como arte de fazer poemas, registro de uma visão do mundo, espelho de condição humana e uso supremo da linguagem pulsa neste O FILHO PRÓDIGO: UM POEMA DE LUZ E SOMBRA, de Luís Augusto Cassas.

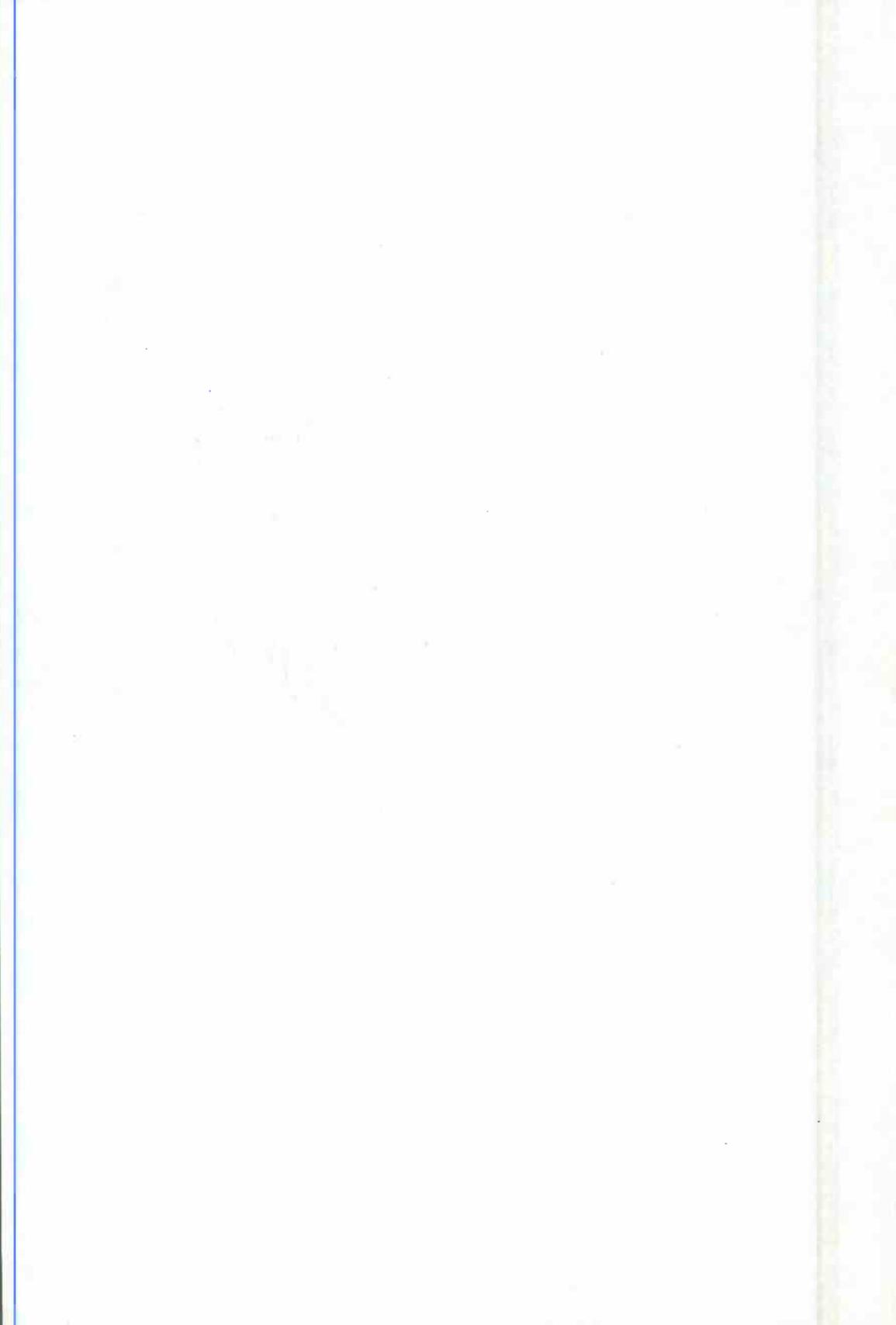
Arte da língua e da linguagem, ela, a poesia, é sempre o estuário de uma experiência pessoal e intransferível. Assim, todo poema decorre de uma circunstância, como estatui Goethe, o que significa a emergência e a presença de um timbre autobiográfico. Num poeta, a biografia e a antibiografia estão sempre juntas, quer quando ele exprime claramente a sua vida pessoal, quer quando recorre a máscaras e escondimentos, tornando-se uma metáfora de si mesmo. Mas o que deve importar, realçando o acento íntimo ou projetando o empenho de impersonalização e despersonalização, é resultado: a experiência tornada linguagem poética e a realidade convertida em imaginação.

Neste pungente e desdobrado poema longo de Luís Augusto Cassas, a experiência pessoal oferece ao leitor a sua alta pulsão e inequívoca tensão. É um cântico espiritual, uma interrogação ao divino. O poeta celebra a morte de seu pai, e o sentimento de perda justifica o seu canto, em cujos versos ressoam as notas de uma marcha fúnebre, as palavras de um sombrio cantochão. A densa subjetividade que permeia o poema se transmuda na sua razão artística e estética. A transcrição de uma dor pessoal tornada emoção comove aquele que está do outro lado do rio: o leitor.

O Filho Pródigo: Um Poema de Luz e Sombra

Ao poeta
João Feitos,
Ficaram
Feitos.
Maurício

st
86
2012



Luís Augusto Cassas

**O Filho Pródigo:
Um Poema de Luz
e Sombra**

IMAGO

Título Original:
O Filho Pródigo: Um Poema de Luz e Sombra

Copyright © Luís Augusto Cassas, 2008

Capa:
Studio Creamcrackers sobre fotografia de Lino Moreira

Revisão:
Pe. Lauro Palú

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

C336f Cassas, Luís Augusto, 1953-
O filho pródigo: um poema de luz e sombra
/ Luís Augusto Cassas. — Rio de Janeiro: Imago, 2008.
76 pp.

ISBN 978-85-312-1032-7

1. Poesia brasileira. I. Título.

08-3937. CDD — 869.91
CDU — 821.134.3 (81)-1

Reservados todos os direitos. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa da Editora. Os direitos morais do autor foram assegurados.

2008

IMAGO EDITORA
Rua da Quitanda, 52/8º andar — Centro
20011-030 — Rio de Janeiro-RJ
Tel.: (21) 2242-0627 — Fax: (21) 2224-8359
E-mail: imago@imagoeditora.com.br
www.imagoeditora.com.br

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

EPÍGRAFES

“O filho lhe disse, então: Meu pai, pequei contra o céu e a terra e contra ti: já não sou digno de ser chamado teu filho. Mas o pai falou aos servos: Trazei-me depressa a melhor veste e vesti-lha, e ponde um anel no dedo e calçados nos pés. Trazei também um novilho gordo e matai-o; comamos e façamos uma festa. Este meu filho estava morto, e reviveu; tinha se perdido, e foi achado.”

Parábola do Filho Pródigo
Lucas 15, 21-24

“Os vossos filhos não são vossos filhos. São os filhos e as filhas da fome que tem a vida em si mesma. Eles não vêm de vós, mas através de vós. E não vos pertencem, embora vivais juntos. Podeis amá-los, mas não constrangê-los aos vossos pensamentos. Podeis guardar seus corpos, mas não suas almas, porque habitam casas futuras, que nem em sonho podereis visitar.”

Kalil Gibran, O Profeta

“Na parábola do filho pródigo obstino-me a ver a lenda daquele que não queria ser amado. E seria difícil dissuadir-me disso.”

Rainer Maria Rilke

“Considerando a profunda observação de Jung, segundo o qual o maior fardo que a criança precisa carregar é a vida não vivida dos pais, cada filho precisa examinar, sem a intenção de julgar,

em que lugar as feridas do pai foram passadas para ele. Ou ele se encontra repetindo os padrões do pai ou vive em permanente reação a eles — em ambos os casos, é prisioneiro de Saturno.”

James Hollis

“Estou certo de que, se lhe tivessem perguntado, Cristo responderia que no momento em que o filho pródigo caiu de joelhos e chorou, transformou o ter dissipado os seus bens com mulheres de má-vida, o ter-se feito guarda dos porcos e ter-se alimentado das bolotas dos porcos, nos momentos mais belos e sagrados de sua vida.”

Oscar Wilde

“O que deixamos para trás, no entanto, são só espectros verbais, não os fatos psíquicos responsáveis pelo nascimento dos deuses. Continuamos sendo tão possuídos por conteúdos psíquicos autônomos como se fossem olímpicos. Hoje são chamados fobias, obsessões e assim por diante; em suma, sintomas neuróticos. Os deuses acabaram tornando-se doenças. Zeus não governa mais o Olimpo, mas sim o plexo solar.”

Jung

“Ele ficava deitado no sofá noite após noite, boca aberta, a escuridão da sala enchendo sua boca, e ninguém sabia, meu pai estava comendo seus filhos.”

Sharon Old, Saturno

“Reconcilia-te com todas as coisas do céu e da terra. Quando se efetivar a reconciliação com todas as coisas do céu e da terra, tudo será teu amigo. (...) Dentre os teus irmãos, os mais importantes são os teus pais. Mesmo que agradeças a Deus, se não consegues agradecer a teus pais, não estás em conformidade com a vontade de Deus.”

Masaharu Taniguchi

“— Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”

Mateus 27:46

“Mas a nós cabe, sob a trovoada do Deus, ó poetas! Permanecer de cabeça descoberta e com a própria mão agarrar o Raio do Pai, o próprio raio e, oculta na canção, oferecer ao povo a dádiva celeste.”

Hölderlin

“A primeira tarefa é contar para nós próprios a verdade de nossa alma. Viver essa verdade é a segunda tarefa. E contá-la aos outros é a terceira.”

James Hollis

“Se perdoardes aos homens os seus delitos, também o vosso Pai celeste vos perdoará; mas se não perdoardes aos homens, o vosso Pai também não perdoará os vossos delitos”.

Mateus 6:12,14-15

“Isaac desafia o homem de hoje a se reconciliar com suas feridas e com seu abandono interior, a

sair do papel de vítima para — como Isaac no final de sua vida — tornar-se uma bênção para os outros.”

Anselm Grün

“O solo é Deus, as raízes são os antepassados, o tronco simboliza os pais e os galhos e folhas são os filhos.”

Kamino Kusumoto

“Onde vamos, enfim? — Sempre para casa.”

Novalis

“O homem que sai de sob a sombra de Saturno na sua vida pessoal está realizando algo muito importante pelas outras pessoas, quer ou não estas tenham conhecimento disso. Aprendeu que ninguém tem poder sobre ele, se não conceder a terceiros este poder. Recuperou a jornada de sua alma.”

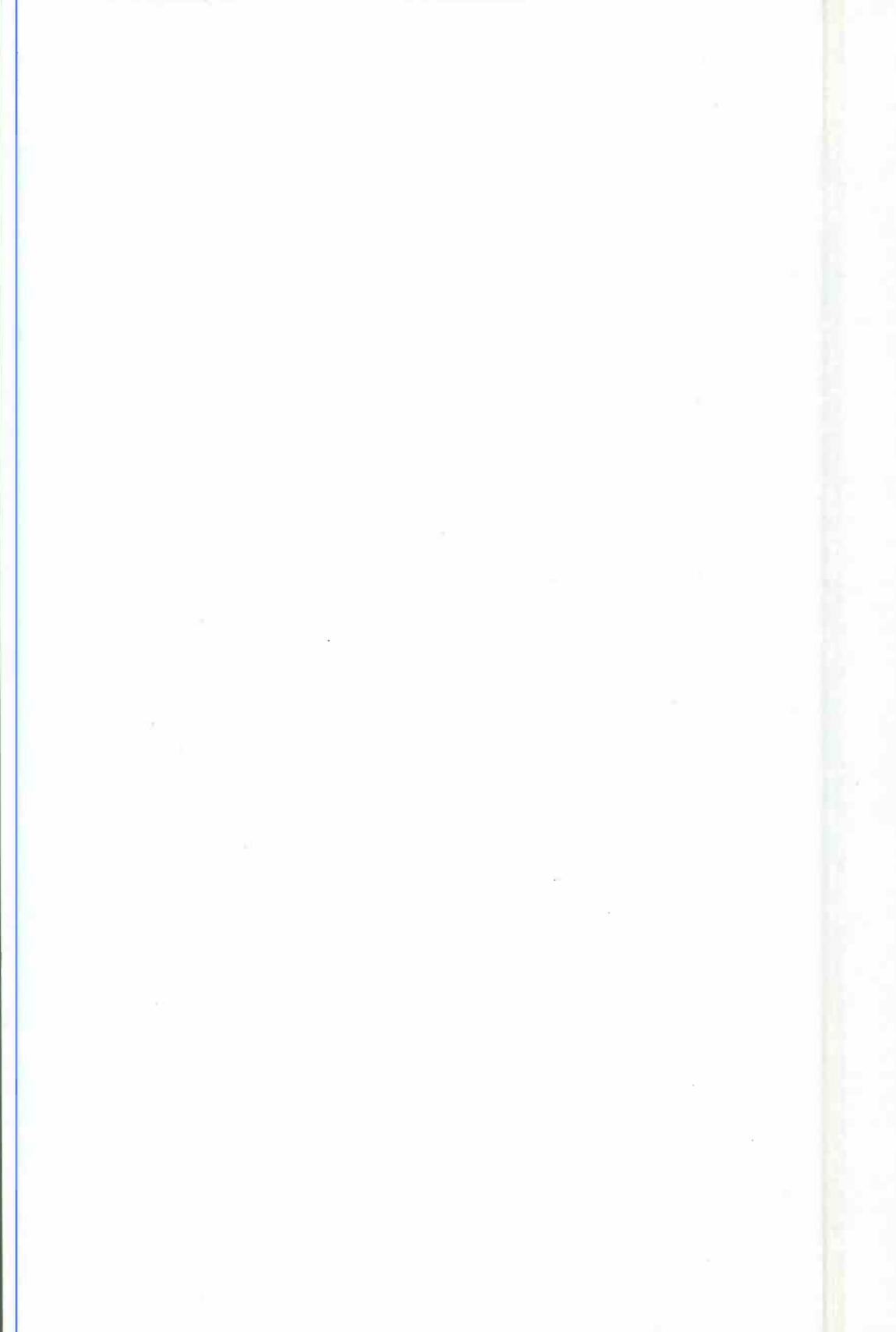
James Hollis

“Mas o que fica, os poetas o fundam.”

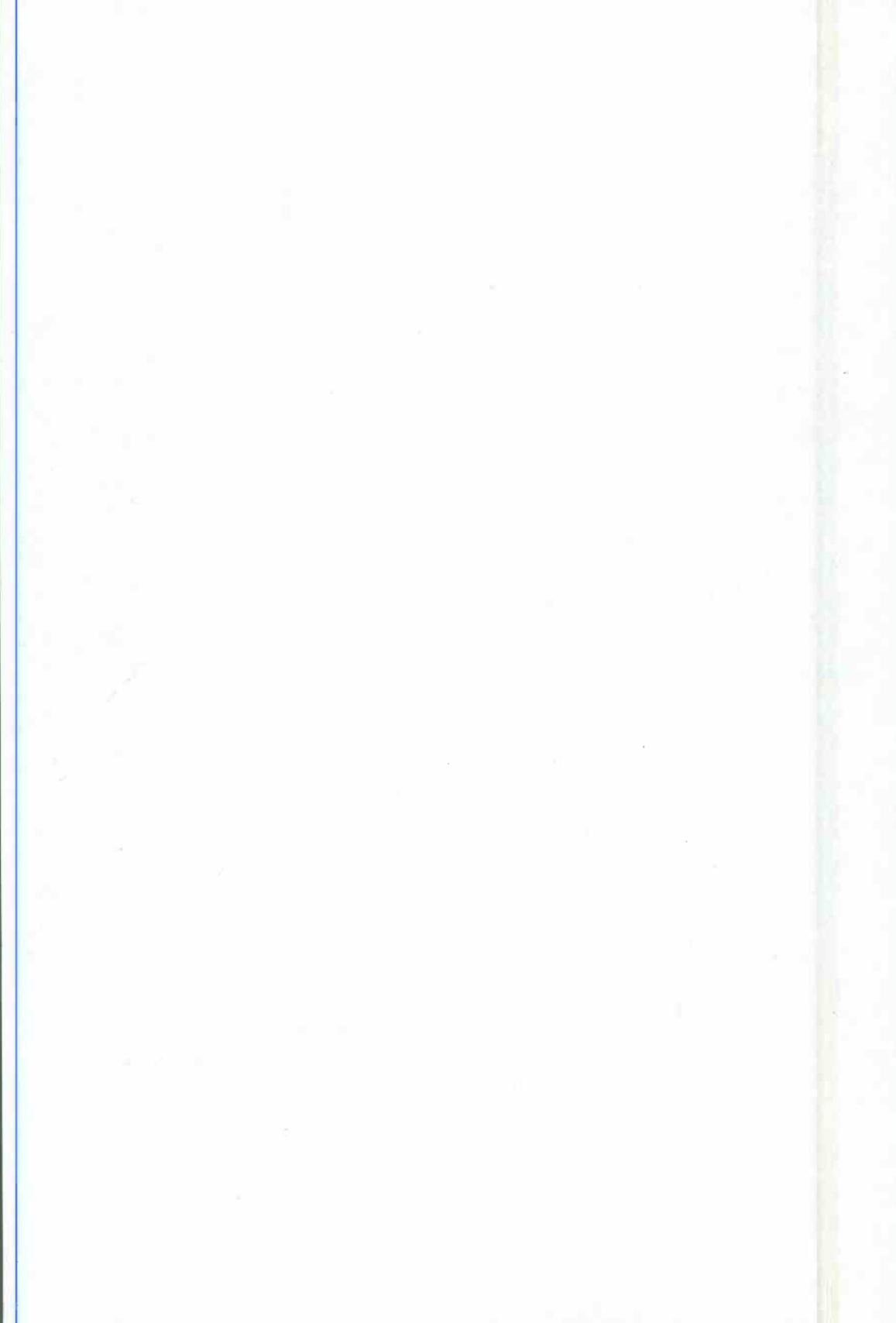
Hölderlin

Agradecimentos

A Bert Hellinger, que criou a abordagem das constelações familiares. A Joana Lima Trajano, que me ensinou amorosamente o culto aos antepassados.

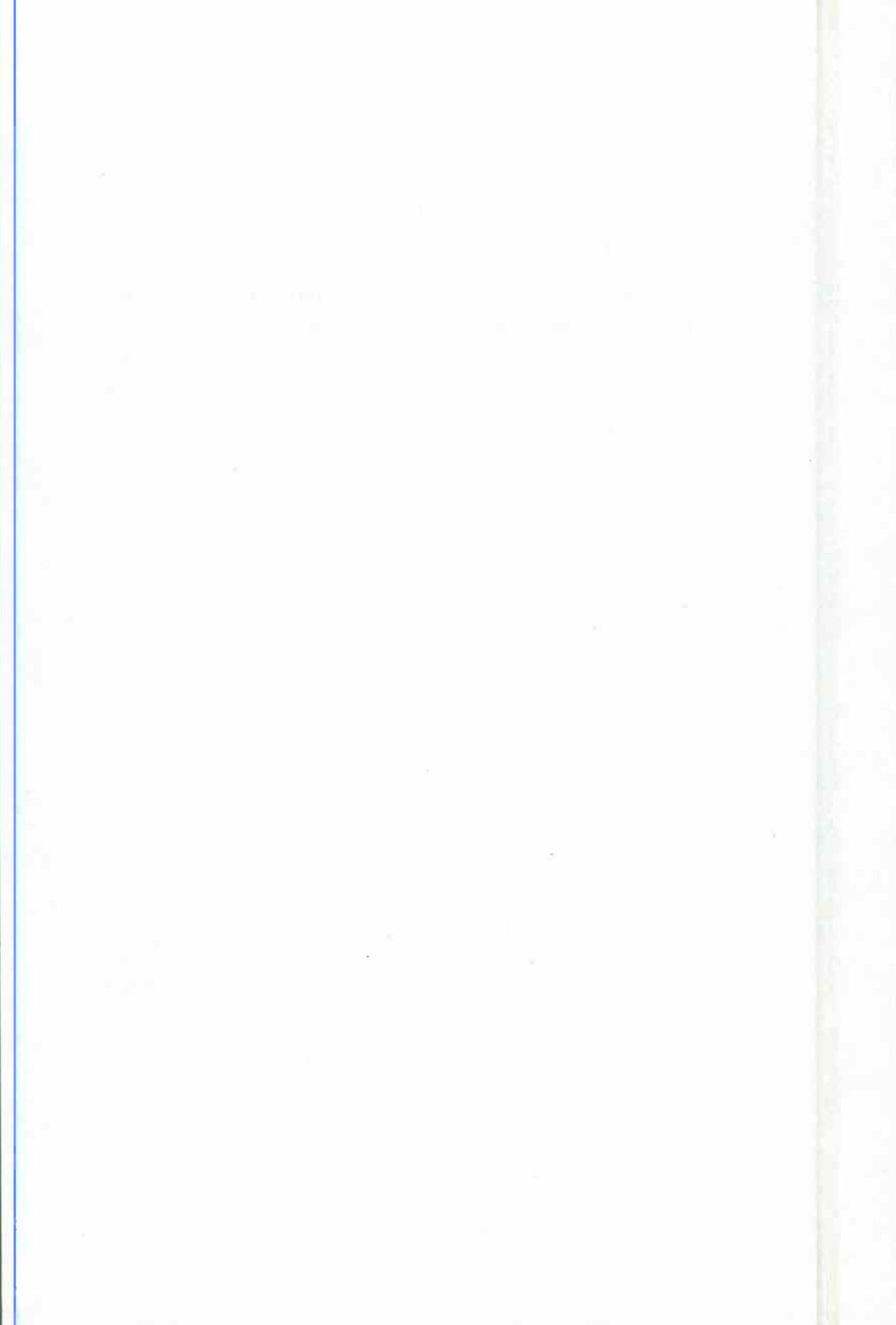


*Ao meu Pai, Raimundo Araújo Neto,
dissipados os véus, diante do trono:
o Múltiplo retorna à Unidade.*



SUMÁRIO

- O ENCONTRO DE ULISSES E TELÊMACO: Marco Lucchesi 15
- O Filho Pródigo: Um Poema de Luz e Sombra 17
- De A a Z 19



O ENCONTRO DE ULISSES E TELÊMACO

Marco Lucchesi

Pode-se dizer que a obra de Luis Augusto Cassas — dentre suas direções multifárias e abertas — é atravessada por uma sentida telemaquia. A busca da origem. Da ilha. E da casa. Como quem sofre uma nostalgia orientada para o passado e para o futuro.

Tudo isso pode ser apontado, por exemplo, a partir do livro *Deus Mix*, onde a busca não passa de uma física da confluência, das origens tantas que ferem como flechas pontiagudas homens e deuses.

Mas é somente nesse doloroso e belo *O Filho Pródigo* que se realiza o encontro de Ulisses e Telêmaco.

Assim, pois, como dizer aqui o tamanho de um regresso, voltado para uma nova Ítaca, sob os auspícios de uma cosmologia da parte e do Todo?

O poema avança por campos gerais e sonda a pluralidade de saídas e significados. O eu-lírico representa todas as partes, sem distinguir réu de juiz, defesa de acusação. O livro não se restringe a apontar para um trivial *j'accuse*. Cassas é um poeta forte, porque possui o desenho de um cosmos, que sabe e persegue, estuda e medita. E, assim, portanto, conhece de modo mais alto as escalas de grandeza que nos regem, desde o DNA ao Empíreo, do sonho alquímico ao teatro da ciência — as

formas todas que compõem o legado de nossa miséria (e sorte).

A figura do pai emerge, portanto, de uma compreensão certamente dolorosa, sofrida — quanto não lhe custou escrever este livro? —, quase devastadora, e, apesar ou por causa disso, estabelecida num plano de amor, que não move apenas o sol e as demais estrelas, mas que inaugura a via imperscrutável do perdão.

Mas tudo isso a partir de uma visão de mundo, tanto mais aberta quanto mais solidária, em que a rede de fenômenos se confunde com arcanos e essências que o poeta sabe ler no céu, na pedra e no coração.

Livro de rara beleza, de pura e clara redenção. O fim de uma viagem, que encontrou não apenas um porto, mas uma demanda de beleza e reintegração.

**O Filho Pródigo:
Um Poema de Luz
e Sombra**

THE
PUBLISHED
BY THE
AUTHOR

A

Do velho pai podem as pernas
retornar de além-túmulo
pra reconduzir às hermas
deitado filho em Procusto?

Do velho pai podem as pernas
ressurgidas como plumas
devolver ao sol da terra
afogado filho em bruma?

Do velho pai — túbias e ossos —
de uma ausência devastada
ao filho reconstituir-se-iam os passos
pra alavancar-lhe a jornada?

B

As pernas de meu pai
estão em mim e florescem
como o dorso da estátua
na memória de Rilke.

Identifico-as frente ao espelho:
coxas panturrilhas tornozelos
pilastras de pedra e cal
que amparavam extinto templo.
O que faltou em braços mãos
retenção do sentimento —
recompõe agora os fêmures
compensando o movimento.
Treinado em fechado círculo
emerjo — quarto cinzento.
O caminho que não sabia os pés
rompe o horizonte de cimento.
Dos artelhos nascem orquídeas
pisando meteoros ao vento.

Quem as implantou orto-hélicas
com perfeição anatômica
reconheceria na técnica
a antiga arte do Olimpo.

O que pretendem ensinar-me:
a arte de caminhar?

O que pretendem restituir-me:
a integralidade do agir?

Penso em rejeição: apodreceriam?
Flerto com a maldição e as abençô.

C

Os pães ázimos e as ervas amargas
foram o sinal da libertação do Egito
rumo à casa prometida.
Mas a ferida de Saturno
na coxa da infância
o eclipse da Lua
a vontade paralítica
e a serpente mordendo-me o calcanhar
explodiram em fermentações meu caminho.
Lesado tornou-se o meu legado.
40 anos vaguei em círculos.
Todos os deuses foram meus ídolos.
Ovelha impura quedei-me ao sacrifício.
Tornei-me — não bênção — mas maldição.

(fracassei existência:
perdi o céu
ganhei o chão

pediste-me: flor
cravos temperados
à revolução

ferido servi-te
a tinta da revolta
do coração

pétalas de sangue
brotaram-me dos dedos:
manchei minhas mãos!)

D

Meu pai caminha em mim
com suas muletas de maio
cavalgando rútilas esporas
como quem adestra um baio.

Meu pai caminha em mim
— qual Ignácio de Loyola —
traz as pernas restauradas
sob a cruz e a sua escolta.

Meu pai caminha em mim
igual Laio reintegrado
renegando a profecia
de ter um filho aziago.

E

Por órfãos caminhos meu pai
não poupou o primogênito
mas o entregou por seu amor ao mundo.
E foi abençoado com as honras de Vênus
e o anel de Júpiter.

Segundo as regras sociais
e o código de ordenações morais
era de reputação ilibada
dono de risada ensolarada
excelente pai de família
cultor de feijoada e homilia
um homem reto e sem vícios
a não ser o excesso de princípios.

Após 60 anos de poder
o Imposto de Renda
e a deusa Themis (de vendas)
concederam-lhe par de asas:
legou-nos carro usado
e velha casa.

Mas no Olimpo doméstico
escoltado por suas águias
a polaridade cobrava
a luz que ao mundo doava.
Ali onde toda interioridade

era inferioridade
os introvertidos — detentores
de estranhos segredos —
condenados ao desterro.

Antimilagre da vinha
Abraão levantava o braço
Isaac baixava o cachaço
mas o céu não intervinha.

Narciso ao avesso
toldei a imagem
de insana viagem
de autodesprezo.

Trágico engodo
servido c/ torresmo:
poderia ser todos
menos eu mesmo.

E almoçávamos contritos
disfarçados do ocorrido
empanturrados de sol
mas de afeto subnutridos.

F

Embora as antigas paredes
abrigassem fotografias familiares
na casa repleta de cômodos
o incômodo
era o prato principal.
Da gaiola aberta em chamas
os pássaros só decolavam
após receber ordens de vôo.
Héstia não acendia
o fogo sagrado do ninho.
Tínhamos uma casa
não um lar.

Na casa a água era esquecida
(embora as goteiras florissessem
afluentes do Éden)
Não se cultivavam as ninfas o aquário
a flauta doce o contágio do orvalho.
Oceanos: distantes pôsteres
de misericórdia.
Estranha linfa uma água-pesada
misturava-se aos banhos frios
e ao líquido que cozia os alimentos
inundando o salão.

Henry Miller não desembarcara
com "Sexus", "Nexus" e "Plexus"
e já expiava prazer e culpa
alternando masturbação e oração.

A vergonha
foi minha ama.

A tristeza
fazia-me a cama.

Estranha trama:
o homem só mata o que ama.

Nós — os degredados filhos de Hera —
murchamos como os seus seios de erva
devorados entre amor e suor.

O regulamento
afogou o sentimento.

A obediência
estrangulou a inocência.

O dever
consumiu o prazer.

Mas como resistir o menino
que agasalhava outro menino
sem nenhum extintor de incêndio
contra a violência da claridade?

Quem defenderia dos raios
a árvore de frágeis galhos
e pequeninas raízes
inda não fincadas ao solo?

Somos paradoxais
quais árvores:
arrancam-nos os galhos
e sorrimos fortificados
jejuamos do sol
e tornamo-nos belos
mas quando extraem-nos as folhas
estranhamos os pintassilgos
confundem-nos as estações.

Envergonhá-lo:
a melhor maneira de amá-lo.

Pendurei os olhares
das mulheres que amei
como colar de pérolas
e na agulha dos teares
cego me tornei
ao amor de Hera.

G

Cego da fúria do Vesúvio
com seus ardentes pingentes
pesada água do dilúvio
inundou-me o inconsciente.
Clamou Poseidon ao menino
de seu reino submarino:
— “Não está nas alturas
a verdade que procuras
mas na profundidade.
Primeiro a noite escura:
após verás claridade!”
Mas Zeus perseguiu os barcos
com raios e coortes de águias.
Náufrago — acordei em praia
de ninfas embriagado.
Quem me salvar haveria
da picada da agonia?
Socorreu-me Hades garboso
com seus corcéis tenebrosos.
Perséfone doou-me os seios:
o leite escuro do receio.
Conheci o ouro-fosco.
O buraco veio depois.
Conheci o fundo do poço.
A profundidade veio depois.

Cansado de não-ser
especializei-me na arte de morrer:

pequenos naufrágios vinganças secretas
acidentes automobilísticos tratados
de mutilação invenção de personalidades
amputação de sentimentos mortificações
foram exercícios de nirvânica tortura
pra que a carne teimasse em viver.
A sensação de ser um outro
talvez me fornecesse um corpo.

A magia de fabricar demônios
e decretar calamidades
foram meus brinquedos prediletos
— a mais sádica bondade.

Tornei-me habitante
do profundo:
nove meses no fundo
três meses no mundo.

Glória ao sol
que me criou.
Glória ao oceano
o inspirador.
Glória ao subterrâneo
que me adotou.

À noite colhendo estrelas
no Jardim das Hespérides
assumi: — “Meu nome é Inferno!”

H

Caminho vivo entre mortos.
Caminho morto entre vivos.
Mas onde fui ferido
tornei-me mais reluzido.

Profeta em terra imprópria
previ morte aos 11.
O mar rejeitou-me.
19: acidente automobilístico.
O oráculo falhou.
Perdi na roleta paulista
mas ganhei na bola sete.
33. Data-base: Faltaram
os pregos e a platéia.
Aguardando a ceifeira
fiz reduções e adições
teosóficas: 49 anos.
Fechei os olhos. A bomba
explodiu em Israel.
Restou-me o humor negro
e a carta 13 do Tarô
que carrego como talismã.

Glória a tudo que vivi:
sempre quis me destruir
mas nunca me venci.

I

Meu pai era Zeus com suas águias
de olhos afiados garras de aço dedos de rocha.
Eu — rejeitado do céu — piaba c/ olhos
de tocha cavalos azulados pérolas secretas.

Meu pai avistava a floresta
mas não divisava as árvores.
Eu entendia as caramboleiras
e conversava com as aves.

Meu pai era extrovertido
como apresentador
de um canal de notícias.
Eu — introvertido — stripper vestido
num baú de pelicas.

Meu pai inventou o controle remoto
o relógio de pulso
a distância do filiarcado
e a leitura bíblica das biografias
de Napoleão e Hitler.

Eu faço necrológios ao relógio
e desinvento todas as técnicas.
Chapliniano escrevo poemas-solo
como quem deseja colo.

Meu pai era fogo.
Eu — água.
Meu pai era ego.
Eu — mandrágora.

Meu pai criou o seu mundo particular
em 6 dias e embriagou-se no sábado.
Eu cultivei o ócio
como exercício de sabedoria
e trabalhei no domingo.

A sua luz
me cegava.
Minha sombra
o ofuscava.

Meu pai veio revelar
a vontade de Deus.
Ingrata missão — coube-me mostrar
a escuridão de Deus.

Meu pai
era força de vontade.
Eu — boa vontade.

Meu pai erguia o peito
condecorado de medalhas.
Eu escondi nos olhos
cicatrices de batalhas.

Meu pai pedia-me sucesso.
Desembrulhava-lhe um fracasso.
Eu era Dalí.
Ele — Picasso.

Meu pai era bonachão
com os amigos no bar.
Eu — A.A.

Meu pai decifrava
a letra fria dos códigos.
Eu transgredia os mandamentos
autêntico filho pródigo.

Meu pai
era vôo.
Eu — mergulho.
Meu pai
era ódio.
Eu — orgulho.

Meu pai
era feijoadada.
Eu — arroz integral.
Ele — sol.
Eu — sal.

J

CARTA AO ALEPH (ou a 2ª Luta de Jacó contra o Anjo)

por que ofertas mãos de seda
a tantas mãos renegadas
e a meus dedos se torna espada
despencando-me à treva?

por que me acenas caminhos
se carregas as mãos crispadas
e colho a marca dos espinhos
das plantas secas da estrada?

por que me cobras o dízimo
por ter as mãos espalmadas
se o território do vazio
é a palmatória do nada?

por que me concedes a trégua
de repousar em tuas águas
passageiro de mil léguas
afoga-me em vale de lágrimas?

por que me obrigas a voar
de retorno à tua morada

se me interpões o mar
e a inexistência de asas?

que estranha missão reservas
aos dependurados dos pés
— inversas as bocas mãos de viés —
mastigar ervas amargas?

qual o meu crime hediondo
senão viver da vida o sonho?
vale o céu o dia de hoje:
o sol a luz não me soube!

toma as formas do humano
e a luz precipitará
à leitura dos meridianos
nova dimensão do olhar!

posto que retornas à cena
ferindo-me a coxa em refrão
sentirás a dor eterna
lançando-te ao chão com o bastão!

confrontando ao tronco a árvore
vergado o galho da mão
à alma tocada a carne
abras (enfim) o coração.

K

Às margens da verdade e realidade
passam águas de poluídas crenças
sentimentos nublados
estilhaços de imagens/vozes de navios-fantasmas
arcas de tesouro y calabouços
sapatos y boletins escolares
o rosto de Naisa que se suicidou
aos 10 anos bolas de gude
imagem da Virgem a roupa de
gaivota de primeira comunhão
(— “choraste em presença da morte?
— choraste! meu filho não és!”)
sóis afogados vidros de emulsão
scott o irmão mariano
brincando de boneca espelhos com
anjos e demônios
as mangas-rosas sendo comidas pelos morcegos
em que o mergulhador secreto
busca na memória da pupila
o invisível mar onde pulsa
o hieróglifo do invisível

ó verdade inexprimível
como traduzir — sem trair —
o poder do incognoscível
senão vestindo o sentir
ao sonogado e ao vivido
extraindo-lhe o óleo diesel?

os óculos embaciados
lê o passado transversal
— mistério intransponível —
como vissem em outro lado
o bem e o mal
desfocado e intraduzível

(— Pai por amor a você
carrego o peso
da insatisfação do ser!)

Ó inconsciente poço de Deus
arca de Jung minotauro em delírios
onde dormem as tábuas da lei
o eletroencefalograma das estrelas
e a tumba de lixos e mitos
derramas tempestade de petróleo
a água-viva e a água-pesada
sobre a cabeça da estátua da liberdade
cajado de Moisés espada do anjo vingador
destampas o bueiro dos mistérios
e arrancas da medusa a flor do terrível
na profundidade está a loucura
o precipício cabe desde o início
jamais troques a primogenitura da aventura
por qualquer mar de Antilhas
eis as sete chaves e os sete cadeados
que a faísca submeterá à fogueira
por enquanto verás como desespero
depois verás face a face
quando a adaga de linho branco

batizar as cinco chagas do oceano
irrompendo na memória argêntea da praia
a biografia náufraga do afogado

L

Os pais comeram mangas verdes
e os filhos herdaram fígados avariados?

Meu pai cultivava a árvore da vida
como um paraíso de delícias
línguas de bacuri doces de caju
seios de goiaba laranjas cristalizadas
selavam-lhe o arco-íris na boca

Mas a colheita do ser
foi feita com dedos ríspidos:
ressentiu-se a fruta
no chão da existência

Meu pai era o sol na via láctea
à sua porta ladrava um cão
quem lhe adentrasse as galáxias
ou lhe tocasse as sarças
feria a constelação.

É que a dor era tão alta
como o céu era profundo
que atirar-se do penhasco
seria admitir o contraste
de lavar a dor no fundo.

Meu pai jamais entendia
a estranha dicotomia

a tudo complementar
núpcias de terra e mar
e via como inimigos
o joio e o trigo.

Sentado em seu trono na criação
fazia o melhor que podia
mas as horas de agonia
afogavam a alegria
em ritual de extrema-unção.

Meu pai era só doação
e a tudo compartilhava
o bolso e a aljava
a mesa e as brasas
jamais o coração.

À sombra do arvoredado
brincando de gato e cão
divertíamos-nos com o medo
o animal de estimação.

O duro legado de meu pai
Urano e Saturno reinaugurados
e os temores ancestrais
de castração e devoração
transferi a meus filhos
recheado de culpas e concessões
Dart Wader em danação

até que um mini Luke Skywalker
de minha segunda geração
despedaçasse-me a couraça
com sua espada de raios
tocando-me o coração.

M

O DNA do amor familiar
foi tema de contos de fadas bodas de sangue
casas grandes & senzalas emocionais raptos de princesas
estrelas & torres cárceres privados pompa e relutância
fachadas ruínas combustões.
Sob o domínio das Parcas
giravam as porcas da Roda do Destino
queimando à velocidade das paixões.

Então Deus concedeu a bênção da loucura
para salvar o meu povo do orgulho
e livrar do choque elétrico as constelações.
Mas a árvore ergueu os galhos
negou os frutos desserviui a terra
não acolheu o sonho mas a ilusão.
Todas as gerações colheram o raio
e ofertaram um filho ao trovão.
Cinco pontas cinco lanças
cinco facas cincoenta explosões.
A rejeição foi bem de família
tecida por hábeis mãos antepassadas
de geração em geração outorgada
até que um Hefesto em sua forja
vaso esculpisse de mágica beleza
que traduzindo a odisséia expiada
transmutasse as fúrias em obra alada.
Resta a mim que atraí as penas da luz
a natureza regar com suor e lágrimas
até que florida renasça sobre o chão.

À claridade oferto corpo e sangue
rebelando-me de joelhos à maldição:
Rasgue-me a pele. Entre-me nas veias.
Durma-me no sangue. Faisque-me nos olhos.
Não terá meu coração.

(Quem acendeu o combustível
da loucura
nos olhos do Filho?

Quem acendeu
a noite escura
na alma do Filho?

Quem abriu o rio
de cinco larvas
no corpo do Filho?

O Pai
o Espírito
ou o próprio Filho?)

N

Que forte e estranho vento
de longínqua praia vem
soprar violento de dentro
pesadas vozes do além?
Será o discurso do enforcado
mil correntes da consciência
comício do exílio amargo
no tribunal da coerência?
Ouço a assembléia do amém
repicando ecos: blééin!

1

— “queres ser perfeito
como o sol nascente
legar aos descendentes
fama ouro e eito?

queres — sem efeito —
vencer a pantera
remir sorte avara
do herói os feitos?

queres — com direito —
imprimir teu nome
às ninfas e ao nume
de Apolo o eleito?

segue a poesia
percorre-lhe os caminhos
beija-lhe os espinhos
sê ode e elegia

triunfa aos açoites
— sol da meia-noite —
suporta a agonia
— lua do meio-dia —

vence a dura estrada
e ao término à jornada
terás companhia:
a Virgem Maria!”

2

—“mastigai os líquidos
salivai os sólidos
língua do espírito
dissolvei o ódio

ressentimento é veneno
ingerido c/ estupor
pra assassinar o duodeno
a quem legou-nos rancor

vertido em doses homeopáticas
destila mágoa e tremor

instala o câncer na alma
aos outros — nenhum rubor

desata na terra
o ressentimento
e o deus da guerra
recolhe o tormento

mastigai os líquidos
salivai os sólidos
língua do espírito
dissolvei o ódio”

3

— “será produto do meio
o homem e o seu arreceio
ou o cintilar do si-mesmo
tropeçando no arvoredo?

não deve o tronco à raiz
o culto aos antepassados
pra que a força-motriz
circule a seiva até os galhos?

harmoniza o conflito
de ilusão fenomênica
no reino do espírito
luz é a única ciência

como dar significado
à fábrica de explosivos?
conferindo sentido
à glória de ser vivo

em combustão
traduz a obra
torna a ilusão
pedra preciosa

do fato heróico
o feito malsão
só quem foi louco
torna-se são

recusa o mar ao delfim
ou o vento à mais seca folha?
afogado em trevas o rim
da vida emerge a escolha

explode o antigo círculo
enclausurado à pantera
reabre ao pai novo vínculo
sê aluno à primavera

concilia-te c/ Géia
sorverás o mel da terra
concilia-te c/ Urano
coroar-te-ão anos

no aurorescer e alvorecer
tece as mãos e agradece
ao que floresce e fenece
e re florirás o ser

mas se ao pai não agradeces
e a todos os semelhantes
estranho sinal de Dante
marcará os teus descendentes

ó lua cheia
que a tudo envolve
um semeia
outro colhe

eis o futuro
das gerações:
tornar puros
os corações”

O

Após o pânico
das caranguejeiras
borboletas azuis
voam na clareira

O que fora elaborado
no ritmo agônico das horas
irrompe súbito no afogado
no fundo do poço da memória
nas mãos trêmulas do menino
cavando a escuridão
não pra acusar o mau destino
nem ser o algoz de seu irmão
fogos-fátuos do passado
campos de concentração
em que adultos desgovernados
desmontavam os seus brinquedos
pra uso e reutilização
absolutamente por maldade
mas por não haver bondade
na guerra em seus corações

Toda a íntima odisséia
fragmentos e mitos
lições do sinistro
do homem em desgraça
perante sua raça:
pétalas de suor

raios de misericórdia.
— ritos de passagem
da trágica viagem —
pra quebrar-me o rigor
e manifestar o amor
em meu mundo interior.

Só o amor vence o ódio
mas se o amor não o vencer
o ódio torna a florescer
com seus megatons de sódio.

Só declarando impotência
ante qualquer violência
lava o homem a consciência
despedindo a culpa imensa.

No estranho mundo do ter
vale a metade o apreço
no universo do ser
paga-se em dobro o preço.

Criei a mim — vestígios que sabia
filho do abismo e da mão tateante
sou os escombros e a cumeeira
o que arde embaixo é sol de feira.

Ó vocação do fogo
queimar e perecer

ó vocação da água:
morrer e renascer.

meu trabalho é fazer
das folhas secas — verdes
dos sucos — frutos
do luto — muco
descobrir no precipício
o divino
após o demoníaco
e sobrevivente do lixo
hastear o solstício.

Meu ofício: realizar
o percurso da água
navegar o coração
(como um rio)
à fonte da lágrima
o ouro da flor:
a água gosta
de lugares baixos
a ferida dos homens
e a sua dor

porque nada passa
nem o ferro de engomar
que as roupas traça
nem o vinco do passado
que o mar escalpa

nem o sol do Saara
que os homens assa

só o que morre
sobrevive

P

Sou o filho pródigo
que jamais retornou ao lar paterno.
À porta um anjo disse-me: — “Não!”
Samsara foi a companheira predileta.
O sagrado — a mais perfeita ilusão.
Não sou digno Pai da parte do novilho
e receber o beijo da minha Mãe.
Tudo que toco tem o signo da vertigem.
Tornei-me da fábula o ladrão.
Abençoados Buda e Agostinho:
seduzidos pela face de Deus
viraram o rosto à mulher e filhos.
Deserdado está o primogênito do meu irmão.
Ficar à porta — eis a minha senda.
Comer os restos — a consolação.
Ai Cristo — cinco chagas no peito.
Devora-me o fígado o gavião.
Essa é a profecia e maldição de Abin
o que jamais lavou as suas mãos.
Inútil quebrar lanças contra o peito.
Arremesso-me à porta — certa clava.
Eclipsada estava a minha mente.
Trancado era o meu coração.

Q

Ai vida:
apesar da saliva
latejar
no nervo exposto da via
os sabores
da vida
ultrapassaram
os maus humores
da hidra

dioniso sem vinho
resgatei a loucura
o delírio das uvas
e segui meu caminho

a toda distorção
sobreviveu-me a paixão

apesar do cataclismo
no abismo colhia lírios

a transcendência
embalou-me as crenças

o vazio
protegeu-me do frio

o caminhar sobre brasas
forjou-me novas asas

no cálice da loucura
brotavam pétalas de ternura

— como está o meu coração?

explodindo em versos
idêntico o universo
em explosão

R

Infinitamente vazia — era
a relação com meu Pai — e um buraco negro
cobria a face de nossa glória.
Mas não emergirei dos infernos
nem darei trégua à verdade
antes que a luz revele os mistérios
e rasgue o véu à claridade.

Unilateralidade:
nossa fatalidade!
Como despertá-lo
sem aceitá-lo
em sua totalidade
— defeitos e qualidades —
e ao peito integrá-lo
não lhe reconhecendo o direito
da paternidade
em redimir suas falhas
passageiras folhas
da precariedade
no qual sou galho na árvore
da mesma humanidade?
O heróico e o egóico
convivem estóicos
em densa unidade:
lados distintos
do mesmo monumento.
Ao céu — o julgamento!

Ó fragilidade
somos espelhos
de tua ansiedade:
frente à realidade
vestimos o orgulho
ocultando a verdade.

— “Pai em que eu errei?”

— “Não ter percebido
a luta que travei
não era contigo
mas contra o inimigo.”

“A faca ao luar
rebrilha ao equinócio.
Corrige o olhar:
era eu o sacrifício!”

— Pai por que me abandonaste?

— “Não parti. Só retirei-me
quando a cruz ergueu a haste
para que as rosas da lei
de luz tua fronte dourasse!”

Ai ilusão
és padraço ou madraça
da distorção?
Ferido aedo
agora percebo
meu pai rejeitei
com plúmbeo rigor

neguei-lhe o amor
e o rechacei.
Ai derogou-se a lei.
Já não me visto juiz
réu platéia promotor
mas iniciado — aprendiz
da luz que nos libertou.

Ó amor de Deus
flui flui flui flui
dentro do meu interior
com força e alegria.
Ó poder do céu
rui rui rui rui
todos os obstáculos
e portões fechados
à conciliação e alegria!

S

As pernas de meu pai
enxertadas às minhas
sobem a montanha
qual pastor de vinhas.

— O que vês?

— Um homem e um menino.

— O menino conduz o homem
ou o homem guia o menino?

— As mãos do destino!

— E por que estão sozinhos?

— O obstáculo feriu o caminho.

Obstáculo: síntese da argamassa
cimento da opressão interna
que está entre um homem e sua ilha
entre Ulisses e a sua Ítaca
entre a água e as bilhas
quem ergueu muralhas de pedras
nos vazios campos da circulação?
renuncio a ti e aos teus edifícios
muralhas torres maldições

infiltrado o elemento milagroso
agente místico de sagrado rio
não restará pó e pedra
da onipotência de tuas fortificações

T

Órfão de mim e sozinho
então tomei meu menino
apertei-o contra o peito
lambuzei-lhe par de beijos
cabelos acariciei-os
ombro a ombro embalei-o
(arco-íris expulsando escombros
irrompendo à terra o veio)
desfiz-lhe o nó da garganta
cera lavei-lhe dos olhos
acendi-lhe o sol no seio
sequei-lhe a fonte de mágoa
clamando à dor o despejo
sob proteção dos afagos
dissolvi-lhe o sal amargo
sentindo que a frágil criança
transformava-se contrafeita
não em embevecido infante
mas em ancião satisfeito
aquele que em densa névoa
ressuscitou-me do leito
encaixando-me as suas pernas
para um caminho refeito
amparando as minhas quedas
guiando-me a novo berço.
Como não ouvir o estampido
de dois peitos comprimidos
boi e bezerro em mil lambidos
derramando os seus vagidos?

O velho e o menino
o menino e o velho
cumprem o seu destino
nos mesmos artelhos.
Abraçado à velha árvore
senti no tronco o tremor
novos ritos de passagem
antecipação da flor.

Descascando velhas mágoas
de enclausuradas cebolas
serpentes tornadas lágrimas
transmutam-se em alvas rolas.
Do pranto meu lave o Rei
os pés feridos em alcatrazes:
Pai não te deixarei
enquanto não me abençoares.
Ó horas de viver
ó horas de morrer
conciliou-me o ser:
morrer e renascer.
Já não sou eu quem vive
é o pai que em mim revive.
Já não sou mais eu quem chora:
é o pai que em mim ora.

(— faz a suma correção
inverte a inércia em ação:
nove meses no mundo
três meses no fundo

sê mensageiro do verde
refloresce a tua família
sê como filho à tua filha
a todos abastece a sede

ulisses em retorno à ilha
recupera a alta magia
torna as feridas em espigas
junta ao trabalho a alegria

ergue-te ó fênix das sobras
planta o sol em tua casa
concedo-te poder e honra
pra concluíres tua obra)

U

(— Ó fonte da vida
que tipo de oferta
recebe em colheita
destas mãos amigas?

— Em contrapartida
reconduz as crias
ovelhas perdidas
à Árvore da Vida!)

V

Pai
pelo sopro
pelo horto
obrigado

pelos planetas em rotação
pelos ratos de porão
obrigado

pelo amor envergonhado
pelo pão compartilhado
obrigado

pelo vazio ontológico
pelo osso filosófico
obrigado

pelas horas de alegria
misturadas à agonia
obrigado

por voar de asas cortadas
por ter incendiado a casa
obrigado

pelos ciclos de morte
e exposição aos ventos
gerando-me renascimentos
obrigado

pelo jardim e pela torre
pelos pântanos e flores
obrigado

pela beleza sonhada
pela biografia rasurada
obrigado

pelo preço da encarnação
pelo peso da evolução
obrigado

pelo que foi impronunciado
abafado e não-gerado
obrigado

pela totalidade
moeda do erro e verdade
muito obrigado

X

O filho pródigo
prodígio em pernas
inscreve o código
da casa paterna.

A vida inteira
busquei a casa
em ondas submergida
em chamas assassina.
Kamikaze expondo as pérolas
arrancadas à jaula
busquei-a céu e mar
no inferno e em Lhasa.
Voltar para casa
é a viagem mais cara.
Entre a cruz e a espada
reinicia-se a jornada.
Hoje sei que ela dorme
sob a proteção do dharma.
E retorno aos braços
da bem-aventurada.

Qual o meu verdadeiro lugar
senão o centro solar
onde convergem as espáduas
do pai celeste e terrestre
sob a bênção das cinco rosas?
Eis a casa paterna

sob o sol em brasa:
a própria Terra
chocando suas asas.

Deus constrói a sua morada
onde erguemos nosso orgulho
azul pombo de ígneas asas
consome a ebúrnea do milho.

Mas lá forja a sua espada
na ferrugem da ignomínia
transformando em cruz de malta
o desconsolo das ruínas.

Sopra o espírito
as línguas de fogo
disfarçando os ritos
o misericordioso.

Reverencio o céu e a terra
honrando o que nela encerra:
o céu — dá salvação
a terra — individuação.

Por trás de um pai
esconde-se o outro
como dorme sob a pele
a platina dos ossos.

Por detrás do vulto
da paterna imagem
oferta-se o rosto
da humana viagem.

Faço a experiência da terra
com tudo o que nela aflora
ossos dívidas pedras rosas
reencontrando Zeus e Hera.

Tudo é reprodução
dos cinco dedos da mão
No grande livro da criação
escreve-se o céu no chão.

Z

Guie-nos a Constelação das Plêiades
envolta em nuvens de narcisos
até o santuário de Apolo
onde dorme o sepulcro de Dioniso.

Na máscara mortuária dos deuses
contemplemos o resgate do exílio.
Ó sonho eterno:
Tua face dourada
e a minha sombria
formam um só rosto
de ornado mistério.

Somos dois
diante da divindade.
Pequenos sóis
da mesma verdade.

Somos o só
e o mesmo.
Somos o próprio
si-mesmo.

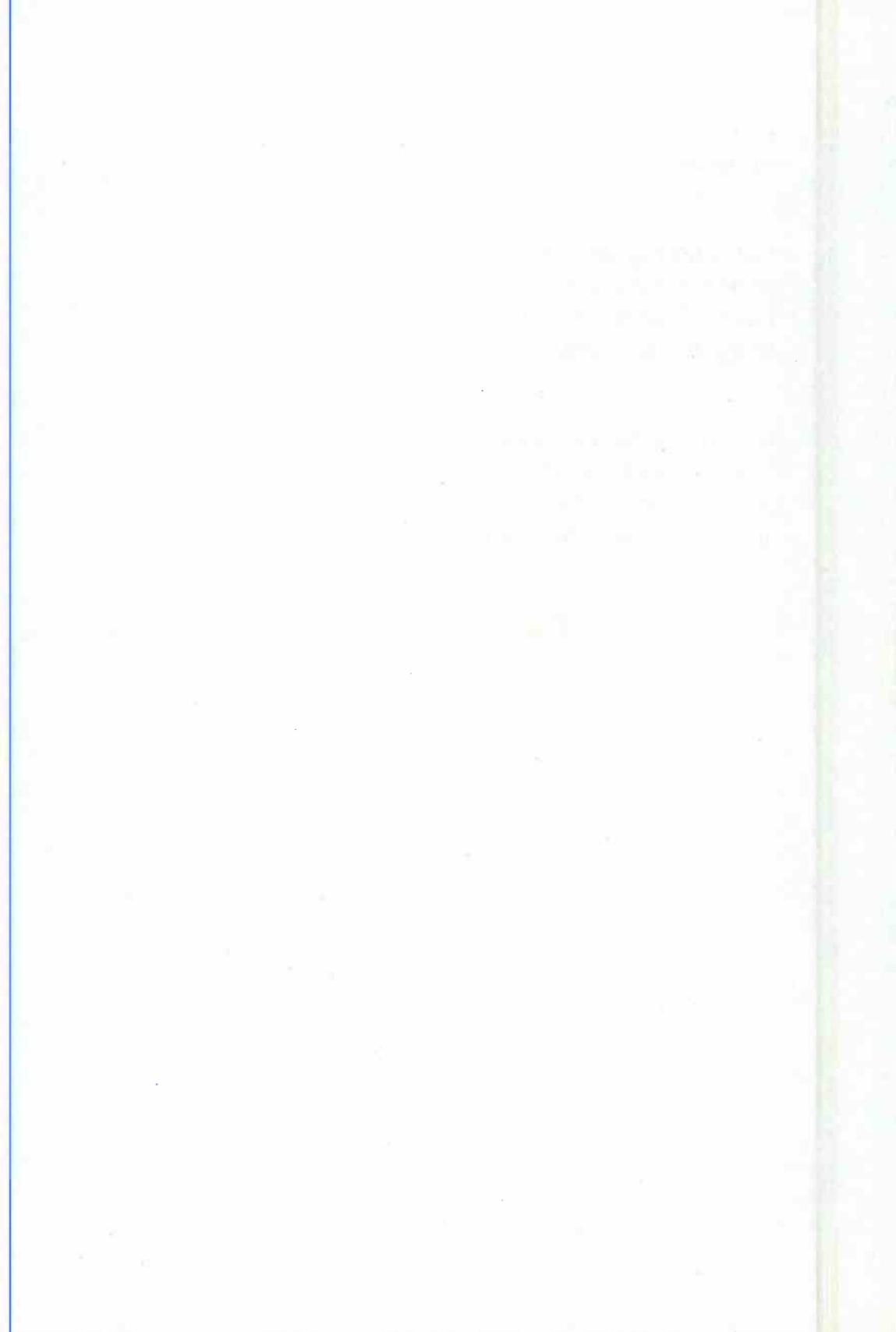
Que viemos fazer aqui
senão confraternizar-nos

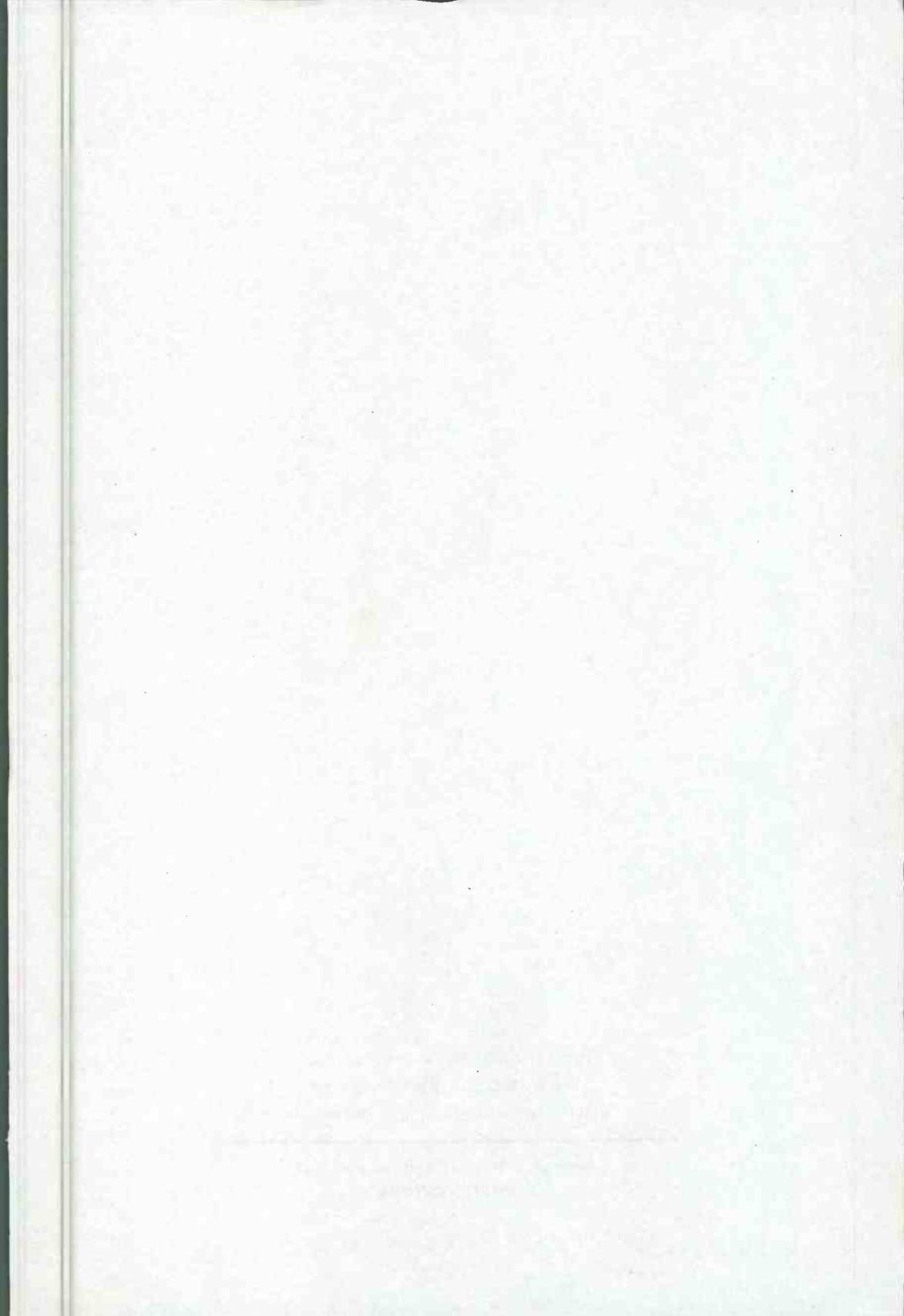
com a vida e o seu longo elixir
no prazer de reencontrar-nos?

Entre tantos semelhantes
façamos o mundo girar
e como Zorba dançar
enquanto escoam os instantes.

Eia juntos caminhemos
além do além do além
sob o amor frutifiquemos
aos pés do Supremo Bem!

São Luís, jun/dez/2005





Preencha uma ficha de cadastro no
www.imagoeditora.com.br
e acompanhe os próximos lançamentos

Composto e impresso nas oficinas gráficas da
IMAGO EDITORA

Esta poesia de Luís Augusto Cassas, coabitada pela sombra e pela luz, é ao mesmo tempo um regresso à casa paterna viva na memória e erodida pelo tempo e pela morte, e uma incurção em uma luminosa e perene morada que está no passado e no futuro — esta poesia, atravessada por um sopro cosmológico, ora ostenta a linguagem faustosa e misteriosa de um ato litúrgico, de uma prece sibilina, ora se retrai e contrai numa inteira nudez monacal. É a nudez do filho pródigo, que volta ao lar paterno despojado de tudo, mas enriquecido pela experiência da amargura e da decepção — e o seu regresso se abre no horizonte como a promessa de uma nova esperança, de uma redenção.

Caminho vivo entre mortos.

Caminho morto entre vivos.

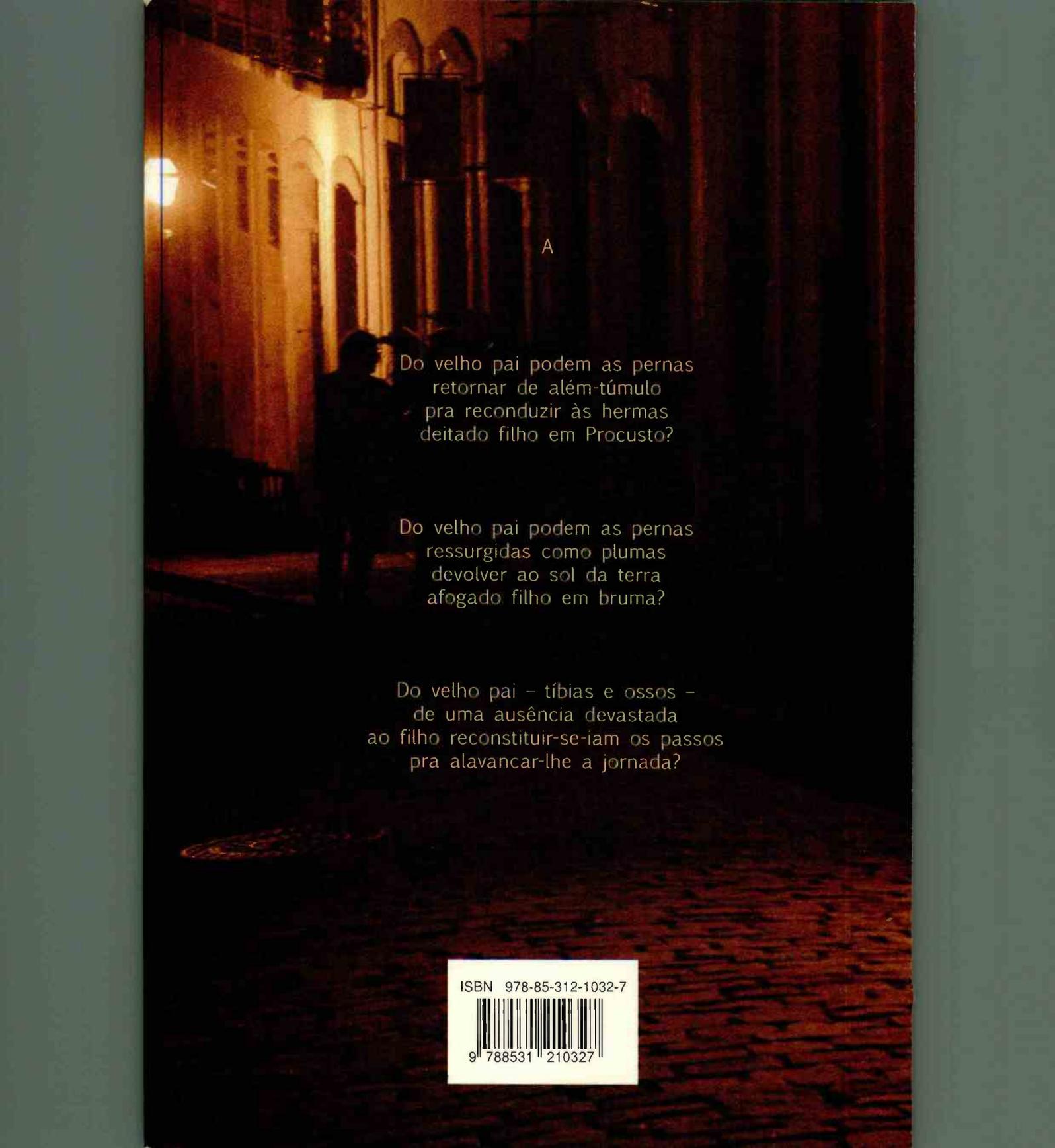
Mas onde fui ferido

tornei-me mais reluzido.

Uma ferida de luz! uma operação mística: nesta quadra em redondilha menor vibra o itinerário espiritual do poeta, sustentado por uma litania de alto teor religioso, de contundente carga de confessionalidade e memorialidade.

Na poesia brasileira — especialmente no território tão pouco visitado da poesia de natureza meditativa e reflexiva, voltada para a transcendência —, o maranhense Luís Augusto Cassas ocupa um lugar de inconfundível relevo. A sombra e a luz regem, simultâneas, a sua partida e o seu regresso: o seu estar no mundo e a busca já tornada resposta, com a descoberta e o encontro de si mesmo.

Lêdo Ivo



A

Do velho pai podem as pernas
retornar de além-túmulo
pra reconduzir às hermas
deitado filho em Procusto?

Do velho pai podem as pernas
ressurgidas como plumas
devolver ao sol da terra
afogado filho em bruma?

Do velho pai – tíbias e ossos –
de uma ausência devastada
ao filho reconstituir-se-iam os passos
pra alavancar-lhe a jornada?

ISBN 978-85-312-1032-7



9 788531 210327